HOSPITAL DE CLÍNICAS PORTO ALEGRE RS

CLINICAL & BIOMEDICAL RESEARCH

Faculdade de Medicina 1898

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Volume 45, Supl. – setembro 2025



Anais

PSIQUIATRIA

2357

PERCEPÇÕES DE PACIENTES LGBTQIA+ SOBRE MICROAGRESSÕES NO SETTING TERAPÊUTICO.

CAROLINA SUBTIL SCHUCH; MARINA RIBEIRO DE MATOS; PEDRO HENRICO GRAZZIOTIN PORTAL; LUIZ CARLOS NASCIMENTO DA SILVA; JOÃO ANTÔNIO FORTUNATTI; ANTÔNIO AUGUSTO GURGEL DO AMARAL; FERNANDA BARCELLOS SERRALTA; NEUSA SICA DA ROCHA

HCPA - HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução Pessoas LGBTQIA+ possuem índices de sofrimento mental e de busca por psicoterapia maiores do que pessoas heterossexuais e cisgênero. O relacionamento terapêutico pode ser afetado por microagressões, ataques conscientes ou inconscientes perpetrados pelo psicoterapeuta, o que pode trazer efeitos negativos ao tratamento. Objetivo Compreender a experiência de pacientes LGBTQIA+ em psicoterapia com terapeutas heterossexuais e cisgênero, a partir de marcadores de microagressões dentro do setting. Método Delineamento misto, quanti e qualitativo, com triangulação concomitante, com uma amostra de 441 pessoas que estiveram em psicoterapia nos dois anos anteriores à coleta de dados. Instrumentos: questionário contendo questões sobre o relacionamento terapêutico e microagressões, além de nove questões abertas. Para os dados qualitativos, utilizou-se o método de Pesquisa Qualitativa Consensual para dados qualitativos simples. Resultados A maioria dos participantes se identificou como mulher cisgênero (79,8%) e bissexual (50,3%) ou lésbica (34,9%). A idade dos respondentes variou de 18 a 50 anos, com média de 24,1 (DP = 3,73). 341 participantes estavam em um processo psicoterápico, com duração média de 30,38 meses (DP = 24,97), e 100 participantes estiveram em tratamento nos dois anos precedentes à pesquisa, com duração média de 18,58 meses (DP = 16,74). De forma geral, os participantes sentem que conseguem ser eles mesmos com os terapeutas (74,6%) e sentem que os terapeutas gostam deles como eles são (81,2%). A maioria dos participantes (51,5%) sofreu ao menos uma microagressão, e 134 participantes (30,4%) já se sentiram invalidados dentro do ambiente psicoterapêutico. 240 participantes responderam a pelo menos uma questão aberta. Os dados foram agrupados em dois domínios e seis categorias. O domínio ?Experiência LGBTQIA+ em psicoterapia? incluiu as categorias ?É uma experiência de acolhimento? e ?É uma experiência desafiadora?. O domínio ?Microagressões? foi formado pelas seguintes categorias gerais: ?Microataques?, ?Microinvalidações?, ?Microinsultos? e ?Heteronormatividade?. Conclusões A falta de conhecimento de psicólogos pode levar a microagressões não intencionais ou inconscientes, que podem ser relevadas ou percebidas com dificuldade pelos pacientes, mas que podem afetar o relacionamento terapêutico e a maneira como o próprio paciente enxerga sua identidade LGBTQIA+. Palavras-Chave relacionamento terapêutico; microagressões; pacientes LGBTQIA+